

# História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Paisagens Urbanas,  
Rurais & Sociais

Carmen Soares, José Luís Brandão &  
Pedro C. Carvalho (coords.)

VILLA ROMANA DO RABAÇAL, PENELA, PORTUGAL  
UM CENTRO DE PRODUÇÃO E RESIDÊNCIA ÁULICA DA  
ANTIGUIDADE TARDIA NO TERRITÓRIO DA *CIVITAS* DE  
CONÍMBRIGA E DAS TERRAS DE SICÓ  
Algumas considerações acerca da implantação da Casa Agrícola  
e da Arquitectura das Componentes da *Villa* e do fenómeno da  
monumentalização das quintas agrícolas romanas durante a  
Antiguidade Tardia, no âmbito do Projecto de Plurianual de  
Investigação Arqueológica (2014-2017)

(Roman *Villa* of Rabaçal, Penela, Portugal - a Production Centre and a  
Palatial House of the Late Antiquity in the Territory of the *Civitas* of  
Conímbriga and the lands of Sicó

Some considerations about the establishment of the Farm House and the  
Architecture of the components of the *Villa* and the aggrandizement  
phenomenon of the Roman agricultural farms during the Late Antiquity,  
under the Multi-annual Project of Archaeological Research [2014-2017])

MIGUEL FONTE PESSOA (pesmig@sapo.pt)  
Coordenador do Museu da *Villa* Romana do Rabaçal, Município de Penela,  
Rede Portuguesa de Museus  
Conservador do Museu Monográfico de Conímbriga,  
Direção-Geral do Património Cultural

ANA LUÍSA RAVARA MENDES (ravara.analuisa@gmail.com)  
Técnica de Conservação e Restauro no Museu da *Villa* romana do Rabaçal

ELSA SIMÕES (caluchasimoes@sapo.pt)<sup>1</sup>

SÓNIA VICENTE (sonia.vicente@cm-penela.pt)  
Técnica Superior de Arqueologia no Município de Penela

RESUMO - Tendo em conta que a palavra *Villa* designava, ao mesmo tempo, uma  
estrutura arquitectural e uma estrutura fundiária, são conhecidos pelo menos três  
tipos arquitecturais de Casa Agrícola ou *Pars Rustica* das *Villae* do Ocidente romano  
(Leveau, Buffat (2008) 134-135).

O primeiro tipo apresenta um plano regular, previamente estabelecido, eminentemente

---

<sup>1</sup> Prepara, em coautoria, o estudo da cerâmica comum da *Villa* romana do Rabaçal, no  
âmbito do Projeto Pro-museus da Rede Portuguesa de Museus.

arquitectural, na medida em que as construções afectadas à produção são contíguas à construção residencial de plano centrado, tradicionalmente considerada como característica do espaço mediterrânico, como é o caso da *Villa* de Torre de Palma, Monforte, no Sul de Portugal, datada do início do século IV d.C. Esta *Villa* está organizada à volta de três pátios (um, reúne a *pars urbana*, outro, faz a ligação com a *pars rustica*, sendo esta implantada à volta de um terceiro pátio maior).

O segundo tipo, igualmente considerado obra de arquitectura, tomado como modelo de plantas de construções *in rure* do Norte da Gália, apresenta as construções agrícolas não contíguas, ainda que dispostas de maneira regular ao longo de um largo pátio rectangular, sendo que num dos lados menores do rectângulo pontifica, em posição axial, a residência senhorial da *Villa*, integrando normalmente o balneário.

Assim sendo, se por um lado a distribuição não contígua das construções que integram as componentes da *Villa* do Rabaçal (palácio, balneário, núcleo das nascentes, casa agrícola e oficinas de várias profissões), datada de meados do século IV d. C., se assemelha ao modelo de *pars rustica* do segundo tipo, ela parece sobretudo estar ligada ao que referenciaremos a seguir, dado estarmos perante um plano conjunto de construções, ainda que certamente muito organizado, que não se confina a um esquema geometrizado. Neste terceiro modelo-tipo as construções repartem-se, em diferentes planos, sem regularidade, num espaço que não é ele próprio claramente delimitado e ao qual confluem caminhos alternativos e diversos atravessamentos.

Esta classificação provisória do tipo de localização e distribuição de construções agrícolas e residenciais tem origem no facto de, em numerosos casos, as *Villae* terem sido transformadas em luxuosas residências desprovidas de instalações para a produção agrícola.

PALAVRAS-CHAVE - *Villa* romana do Rabaçal; Antiguidade tardia; arquitectura

ABSTRACT - Taking into consideration that the word *Villa* designates both an architectural structure and a landholding structure, at least three architectural types of Farm House or *Pars Rustica* of Western Roman *Villae* are known (Leveau, Buffat, 2008, p. 134-135).

The first type presents a regular plan, previously established, predominantly architectural, with the production buildings adjacent to the centred plan residential construction features, traditionally considered as characteristic of the Mediterranean area, as it is the case of the *Villa* of Torre de Palma, Monforte, in the South of Portugal, dated from the early 4th century AD. This *Villa* is organized around three patios (one, constituted by the *pars urbana*, another, connected to the *pars rustica*, which in turn is established around the third bigger patio). The second type, also considered architectural work, taken as a model for *in rure* building plants of Northern Gaul, presents non-contiguous agricultural buildings, despite being regularly arranged along a wide rectangular patio. On one of the smallest sides of the rectangle, the Manor House of

the *Villa* pontificates, in axial position, normally integrating the baths.

Therefore, if the non-contiguous distribution of buildings that make up the components of the *Villa* of Rabaçal (Palace, baths, nucleus of springs, Farm House and workshops of various professions), dated mid-4th century AD, resembles the *pars rustica* model of the second type, it also seems to be especially linked to our following reference, given that we are dealing with a joint construction plan, which, despite being certainly very organized, is not confined to a geometrized scheme. In this third model-type, constructions are irregularly divided, in different planes, in a space which is not clearly demarcated and to which alternative paths and several crossings converge to.

This temporary classification of site type and distribution of agricultural and residential buildings derives, in many cases, from the fact that *Villae* were transformed into luxurious residences devoid of facilities for agricultural production.

KEYWORDS - Roman *Villa* of Rabaçal; Late Antiquity; architecture<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

As províncias romanas da *Hispania* (*Lusitania*, *Tarraconensis*, *Baetica*, *Gallaecia*, *Carthaginiensis*, *Mauretania Tingitana*) são, sem dúvida, aquelas em que foi registado um maior número de sítios rurais catalogados como *Villae*. Os dados para a Península Ibérica estão sobretudo relacionados com a *pars urbana*. A cronologia destas *Villae* estende-se desde o fim da época republicana, no século I a.C., até ao início do século V d.C.<sup>3</sup> São cerca de 300 as *Villae* registadas em Portugal e Espanha<sup>4</sup>. Acresce referir que, segundo dados recentes, só em Portugal o número de inventário de locais onde foram detectados mosaicos romanos (indicativo da presença de residência senhorial na cidade ou no campo) é de mais de 254 sítios<sup>5</sup>.

“Verifica-se, com efeito, que as *Villae* construídas ou remodeladas a partir do fim do século III e início do IV d.C., apesar de serem menos numerosas que no período precedente, são na maior parte dos casos maiores e mais ricas, dado reunirem mais vastos domínios em favor de um fenómeno constante de concentração de terras. Este «Renascimento Constantiniano» prolonga-se esporadicamente até aos primeiros decénios do século V. Estas *Villae* «tardias», algumas com uma vida muito curta, não obstante o luxo material e artístico das suas instalações, formam um dos fenómenos mais originais dos finais da colonização romana. As *Villae* Tardias da Península escapam em muitos casos ao estereótipo e apresentam-se com uma grande diversi-

---

<sup>2</sup> Tradução do resumo por Ana Marília Ferreira.

<sup>3</sup> Alarcão 1998: 107-110; Gorges 2008: 28.

<sup>4</sup> Gorges 2008: 28.

<sup>5</sup> Abraços 2005: 15.

dade, tomando formas de vida e elementos típicos de um certo estilo de vida na Corte Imperial (*Aula*), cujo arquétipo encontramos na *Villa* siciliana de Piazza Armerina. Estes meio-palácios de campo (por vezes excessivamente monumentais), meio-explorações agrícolas, não estão separados do mundo. Bem pelo contrário, são o reflexo de uma tipologia nova, «sócio-económica», se assim se pode dizer, ligada a formas de arte e modos de vida tipicamente romanos. São também o reflexo do poder económico e político das classes sociais elevadas que asseguram ou procuram assegurar a continuidade de Roma nas províncias, no momento em que se esboça – sobretudo após as invasões germânicas de 409 – o sistema agrário e político que sucederá ao modelo romano e que será o da Alta Idade Média”<sup>6</sup>.

## 2. TIPOS DE *VILLAE*

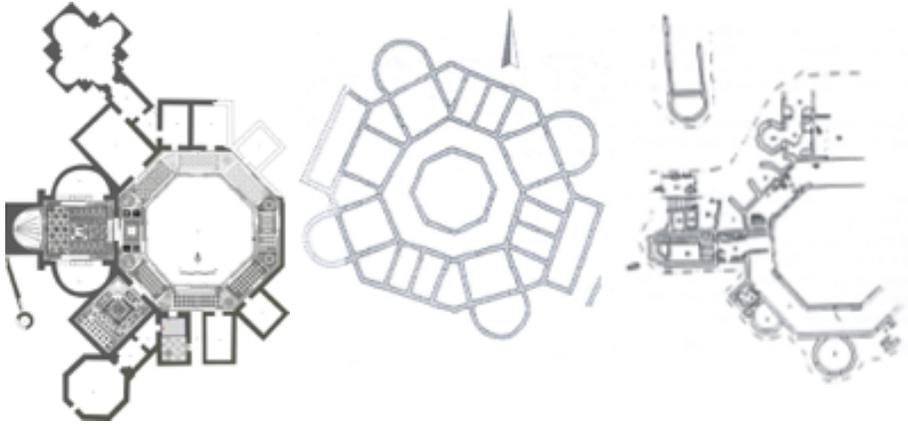
A *Villa* tardo-romana do Rabaçal, no território da *ciuitas* de Conímbriga, *Conuentus Scallabitanus*, província da Lusitânia, apresenta-se-nos, no quadro da tipologia enunciada, por exemplo, por Gérard Gorges<sup>7</sup>, não como exemplo da *Villa* linear, nem de *Villa* em bloco, com *peristylum*, mas sim no tipo de *Villa* áulica, sub-tipo monumental complexo. Trata-se de uma construção radial, à volta de um *peristylum* central, com desenvolvimento de vários conjuntos arquitecturais. Este modelo foi implantado, sobretudo, no período da tetrarquia e épocas posteriores (Figuras 1 a 5).

Types	Villa linéaire			Villa-bloc à péristyle		Villa áulique	
Sous types	A Simple	B à galerie	C galerie et tours d'angle	D à plan simple	E à plan composite	F monumentale simple	G monumentale complexe
Variantes	1 à plan basilical	à veranda ouverte	intégrées	carré	bipartite	sa-tour d'un péristyle	à juxtaposition
	2 à couloirs transversaux	corridor ouverte	saillantes	rectangulaire	tripartite	developpement linéaire	à effet d'agencement
	3	panoramique fermée	formant pavillons	trapézoïdal	cour d'honneur	à developpement exagéré d'un ou plusieurs ensembles architecturaux d'appart. (portiques, pièces de réception, thermes, temple privé, etc...)	
Type d' exploitation	petite	petite/ moyenne	moyenne/ grande	grande	très grande		

**Figura 1.** Tipologia de plantas: *Villa* linear, *Villa* em bloco, com *peristylum*, e *Villa* áulica (Gorges 2008: 31, Fig. 1).

<sup>6</sup> Gorges 2008: 29. Tradução livre.

<sup>7</sup> Idem: 31, Fig. 1.



**Figura 2.** Planta octogonal da *Villa* do Rabaçal, Penela (Portugal), de Valdetorres de Jarama, Madrid (Espanha) e de Palazzo Pignano, Cremona (Itália). (Gorges 2008: 43, Fig. 6a).

Contudo, esta *Villa*, embora incorporando um Palácio, é uma *Villa* como as outras, reunindo, nas suas várias componentes, a função de residência (temporária) e centro de produção (permanente) (Figuras 6, 7, 8, 9, 10).

“Para além de um fenómeno de moda, inspirada na Corte Imperial (*Aula*), pode considerar-se este tipo de *Villa* como uma ilustração maior da competição à qual se entregam as elites do Baixo-Império, através da exibição do luxo das suas residências. Face ao declínio da vida municipal, é nos salões, nas salas de audiência, nos *triclinia* e mesmo nas termas das grandes residências privadas que é tratado então, a diversos níveis, uma grande parte da condução dos negócios. Este modelo está presente, por exemplo, em Itália, na Hispânia, na Gália do Sul e na Sicília”<sup>8</sup>.

O elaborado plano construtivo da *pars urbana* do Rabaçal, em interligação com as várias componentes da *Villa*, faz dela, à semelhança das suas congéneres de Valdetorres de Jarama<sup>9</sup> (Madrid, Espanha), e de Palazzo Pignano, (Milão, Itália), um símbolo de posse, fonte de rendimento e local de retiro (*recessus*) para descanso e aprazimento, no quadro das novas manifestações de expressão artística que se foram desenvolvendo ao longo do século IV d.C.<sup>10</sup>. Aos olhos do proprietário o orgulho em exhibir, no centro da propriedade, o luxo da área residencial e balneário seria equiparado ao gosto em mostrar a disposição racional

<sup>8</sup> Gorges 2008: 33. Tradução livre.

<sup>9</sup> Alguns autores interpretam esta estrutura octogonal como sendo não a da *pars urbana* de uma *Villa* mas a de um *macellum*, *mansio* ou *hospitium*, sendo de assinalar a sua similitude arquitectónica octogonal com a da *pars urbana* da *Villa* romana de Can Farrerons (Premià de Mar, Maresme) (Cf. Doria; Monteagudo; Piqueras, s. d., p. 171, Fig. 2; p. 182).

<sup>10</sup> Maciel 1996: 157.

dos locais dedicados à produção agrícola e pecuária, e ainda daqueles relacionados com a metalurgia, o têxtil, o fabrico de cerâmica de construção e de louça regional, os lacticínios e outras actividades.

“Mas a atenção tem sido essencialmente dedicada à *pars urbana* ou residência senhorial das *Villae*, sendo que as construções consagradas às actividades agrícolas, que dão relevo à primeira, fazem dela a componente menos conhecida. De facto, a palavra *Villa* designava, ao mesmo tempo, uma estrutura arquitectural e uma estrutura fundiária.”<sup>11</sup>

Pouco nos resta da *pars rustica*<sup>12</sup> da *Villa* do Rabaçal de meados do século IV (cuja descoberta arqueológica foi iniciada em 1987, continuada em 1989 e 1996, e retomada entre 2002-2013 e, de seguida entre 2014-2017, conforme Componente 4 do Plano de Salvaguarda<sup>13</sup>). Como referido na presente reflexão, a escavação revelou vestígios do que interpretamos como sendo a extensão Norte do Pátio Agrícola, sendo que este espaço poderia comportar currais (os ovicaprinos, por exemplo, adaptados ao *pastio agrestis*, não necessitam de construções de qualidade). Muito menos nos resta, ainda, da instalação agrícola romana, do tipo casal ou granja, implantada neste mesmo local, porventura em meados do século III d.C.<sup>14</sup>. De salientar que o marco miliário do imperador Décio, datado de 250-252<sup>15</sup>, em Exposição Permanente no piso térreo do Espaço-museu, descoberto junto à via romana (que ligava *Sellium*, Tomar, a *Aeminium*, Coimbra, passando por Conímbriga, Condeixa-a-Velha), no lado nascente do vale do Rabaçal, a mais de 500 metros da *Villa*, pode corresponder a uma melhoria da via e o reconhecimento das potencialidades agrícolas locais, nesta mesma época, resultando daí uma melhoria das condições económicas ocorridas nesta área<sup>16</sup>.

O modelo de implantação de tipo povoamento disperso<sup>17</sup>, consagrado na *Villa* do Rabaçal e no território da *ciuitas* de *Conimbriga*, foi elaborado em Itália, no início do período imperial e difundido nas províncias do Ocidente<sup>18</sup> até à Antiguidade Tardia. Este último período foi, durante muito tempo, apresentado como uma fase de declínio do povoamento e de desorganização da produção

---

<sup>11</sup> Leveau; Buffat 2008: 134. Tradução livre.

<sup>12</sup> Não foi possível, no decurso do tempo útil definido para a entrega deste trabalho, a consulta da monografia de Alexandra Chavarría Arnau, de 2007, “El final de las «villae» en Hispania, siglos IV-VII D.C.”, com exemplos de estruturas de *pars rusticae* de *Villae* tardias da *Hispânia* (contendo ainda inventário de sítios), o mesmo acontecendo em relação à obra de Chris Wickham, *Framing the Early Middle Ages*, de 2005, considerada fundamental para a visão das relações sociais entre os trabalhadores e o *dominus*. Juntamos ambas em bibliografia.

<sup>13</sup> Pessoa; Rodrigo; Madeira; Burrows 2008: 676-679.

<sup>14</sup> Pessoa 2011: 177.

<sup>15</sup> Mantas 1985: 159-179.

<sup>16</sup> Idem: 179.

<sup>17</sup> Alarcão 1998: 92.

<sup>18</sup> Gorges 2008: 137; Alarcão 1998: 107-110.

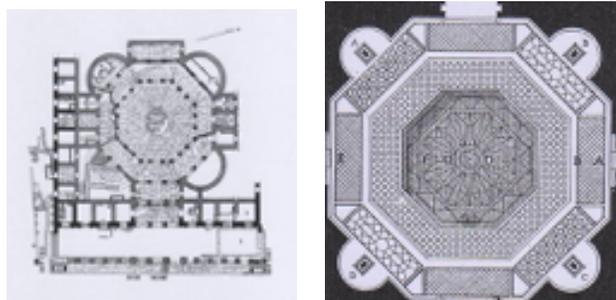
nos campos. Neste período se enquadra o século IV, o qual foi considerado, durante muito tempo, entre nós, como de decadência do Império Romano. E se, para o Estado, foi efectivamente um período de crise política e financeira, a verdade é que deve ter havido grandes e sólidas fortunas particulares. Deduz-se isso da riqueza arquitectónica e decorativa de muitas *Villae* construídas ainda na segunda metade do século IV<sup>19</sup>.

### 3. TIPOS DE *PARS RUSTICAE*

São conhecidos pelo menos três tipos arquitecturais de Casa Agrícola ou *Pars Rustica* das *Villae* do Ocidente romano<sup>20</sup>.

O primeiro tipo apresenta um plano regular, previamente estabelecido, eminentemente arquitectural, na medida em que as construções afectadas à produção são contíguas à construção residencial de plano centrado, tradicionalmente considerada como característica do espaço mediterrânico, como é o caso da *Villa* de Torre de Palma, Monforte, no Sul de Portugal, datada do início do século IV d.C. Esta *Villa* está organizada à volta de três pátios (um, reúne a *pars urbana*, outro, faz a ligação com a *pars rustica*, sendo esta implantada à volta de um terceiro pátio maior) (Figura 6).

O segundo tipo, igualmente considerado obra de arquitectura, tomado como modelo de plantas de construções *in rure* do Norte da Gália<sup>21</sup>, apresenta as construções agrícolas não contíguas, ainda que dispostas de maneira regular ao longo de um largo pátio rectangular, sendo que num dos lados menores do rectângulo pontifica, em posição axial, a residência senhorial da *Villa*, integrando normalmente o balneário (Figura 7).

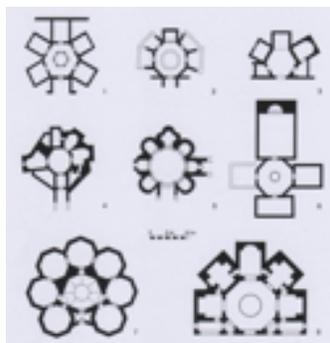


**Figura 3.** Construções romanas poligonais. a. Mercado de Jerasa, Jordânia, do séc. II d.C. (Uscatescu e Bueno 1997: 67-88); b. Salão do *Frigidarium* do Balneário C de Antioquia, Turquia, séc. IV d.C. (Levi e Doro 1947: 190, Pl. 118).

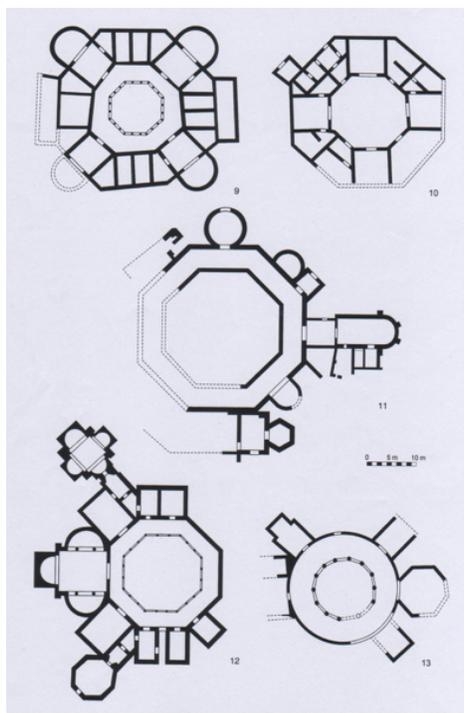
<sup>19</sup> Alarcão 2003: Parecer para candidatura a instituições internacionais.

<sup>20</sup> Leveau; Buffat 2008: 135.

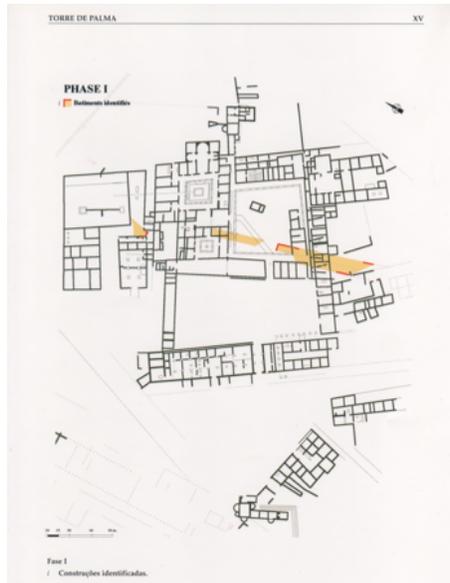
<sup>21</sup> Idem.



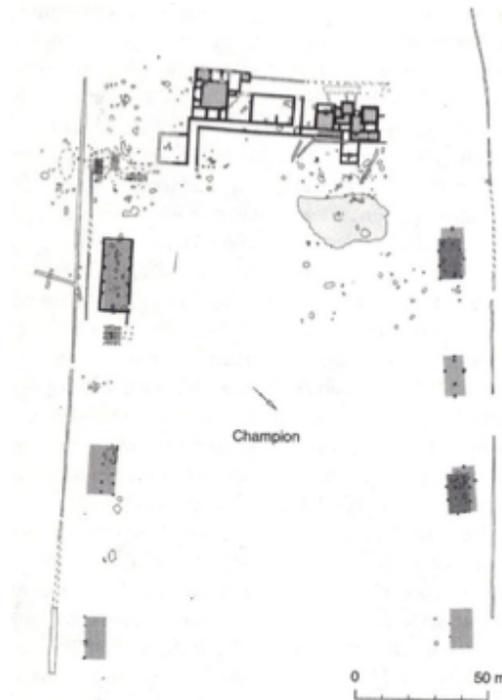
**Figura 4.** Construções romanas poligonais. Lista 9, Teichner e Felix 2008: 481-482 (Abb. 272) - 1) Abicada, Mexilhoeira grande, Portimão, Algarve, Portugal; 2) Lufton, Somerset, Inglaterra; 3) Keynsham, Somerset, Inglaterra; 4) Holcombe, Devon, Inglaterra; 5) Piazza Armerina, Sicília, Itália; 6) Villa de Santa Rosa, Córdoba, Andaluzia, Espanha; 7) Las Bovedas, Marbella, Málaga, Andaluzia, Espanha; 8) Domus Aurea, Roma, Itália.



**Figura 5.** Construções romanas poligonais. Lista 9, Teichner e Felix 2008: 481-482 (Abb. 273) - 9) Valdetorres de Jarama, Madrid, Castela-Leão, Espanha; 10) Can Farrerons, Maresma, Catalunha, Espanha; 11) Palazzo Pignano, Cremona, Itália; 12) Rabaçal, Penela, Coimbra, Beira Litoral, Portugal; 13) Los Baños de la Reina, Calpe, Alicante, Espanha.



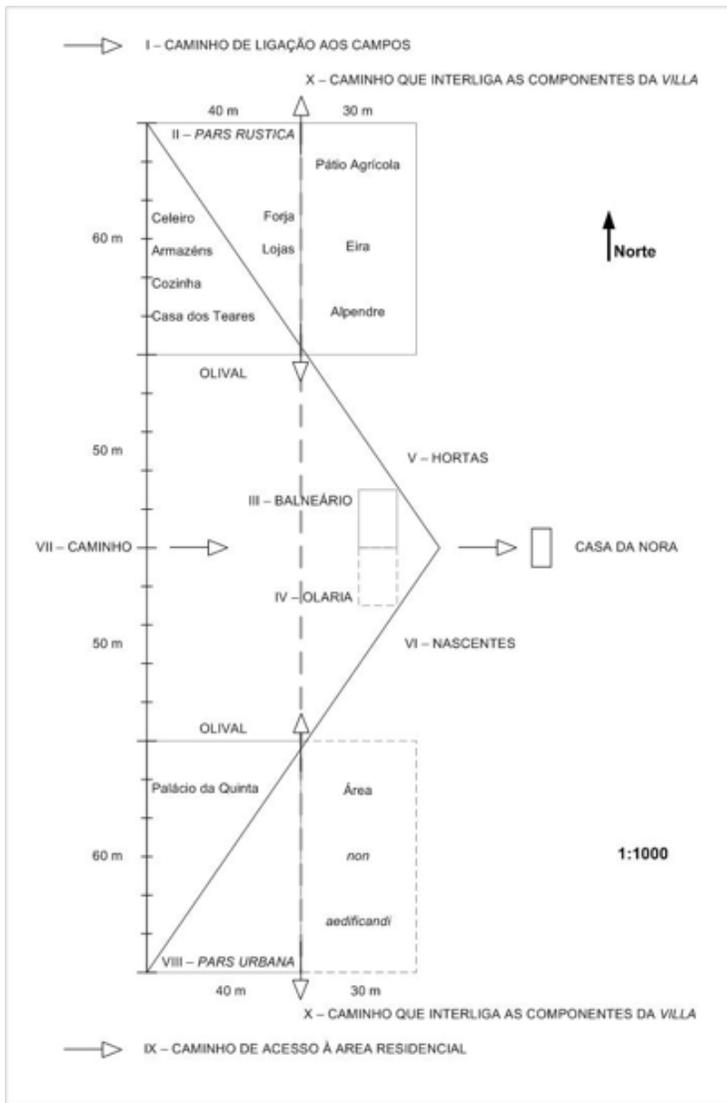
**Figura 6.** Planta da *Villa* de Torre de Palma, Monforte, Alentejo, Portugal (Lancha e André 2000, Est. 15. Leveau e Buffat 2008: 139, Fig. 4).



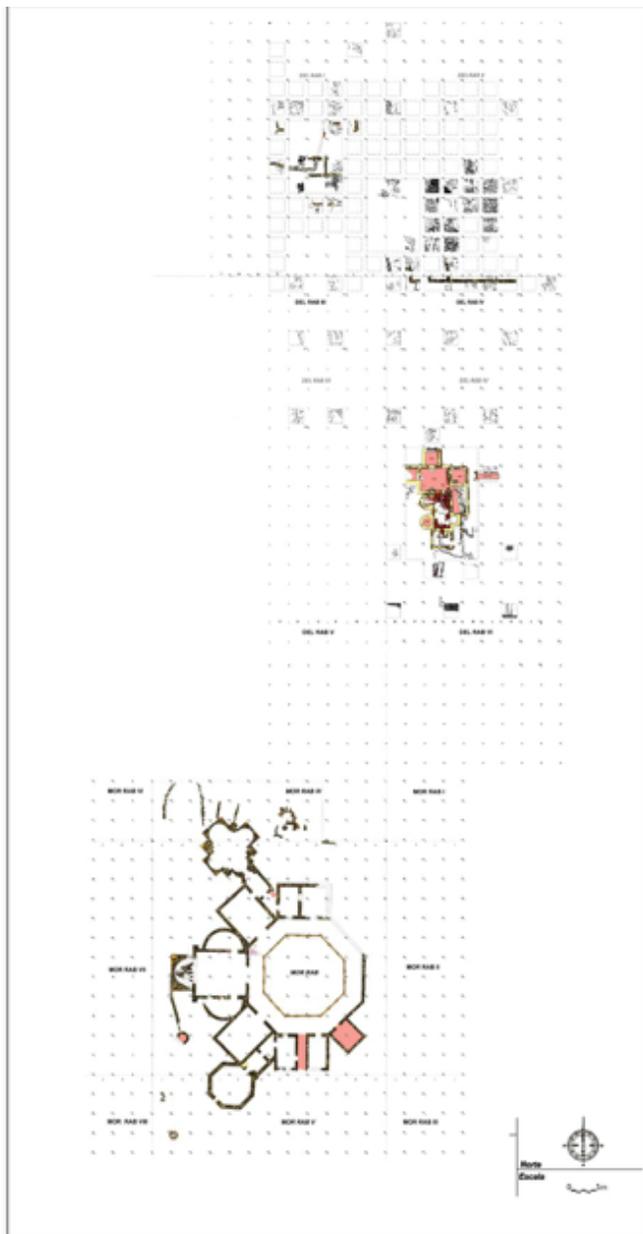
**Figura 7.** Planta da *Villa* de Champion, Bélgica (Leveau e Buffat 2008: 141, Fig. 5).

Assim sendo, se por um lado a distribuição não contígua das construções que integram as componentes da *Villa* do Rabaçal (palácio, balneário, núcleo das nascentes, casa agrícola e oficinas de várias profissões) se assemelha ao modelo de *pars rustica* do segundo tipo, ela parece sobretudo estar ligada ao que referenciamos a seguir, dado estarmos perante um plano conjunto de construções, ainda que certamente muito organizado, que não se confina a um esquema geometrizado. Neste modelo-tipo as construções repartem-se, em diferentes planos, sem regularidade, num espaço que não é ele próprio claramente delimitado e ao qual confluem caminhos alternativos e diversos atravessamentos (Figura 7, 8, 9, 10).

Nestes casos, como parece ser o do Rabaçal, a distribuição destas construções pode ter resultado tanto de uma escolha original (Palácio e Balneário) como de sucessivos programas de construção (Casa Agrícola), sendo que neste caso o apuro dos dados cronológicos é fundamental para nos apercebermos de tal facto. A descoberta de moedas do século III e, na maioria, de meados do século IV e finais do mesmo, na campanha de 2013 (Relatório, 2011, Capítulo I – Escavação; I.3- Espólio mais representativo), acompanham a interpretação, de que uma instalação tipo granja ou casal agrícola de meados do século III antecedeu a construção do palácio e balneário no início da segunda metade do século IV. Assim sendo, o alargamento ou reestruturação da *pars rustica*, dotada de largo pátio agrícola, eira, alpendre, cozinha, celeiro, moagem, oficina de metalurgia, casa dos teares e olaria (esta junto ao balneário) deverá ser contemporâneo da implantação da *pars urbana* em meados ou segunda metade do século IV.



**Figura 8.** Proposta de esquema com a distribuição aproximada das várias componentes da *Villa* romana do Rabaçal, bem visíveis entre si, dado estarem próximas e em diferentes planos, dentro da mesma unidade: I – Caminhos de ligação aos campos da propriedade ou *fundus*; II – Casa da Lavoura ou *pars rustica*; III – Balneário; IV – Olaria; V – Hortas e tanque para rega; VI – Nascentes e casa da nora; VII – Caminho de ligação ao Balneário à Olaria, à Horta e às Nascentes; VIII – Palácio da Quinta ou *Pars Urbana*; IX – Caminho de ligação à área residencial ou *pars Urbana*; X – Caminho que ligava as componentes da *Villa* (Pessoa 2011: 24, Fig. 5g).



**Figura 9.** Planta geral e quadrícula arqueológica da *Villa* romana do Rabaçal. Desenho: José Luís Madeira. 1998. Informatização: Daniel Pinto 2010. José Augusto Dias. 2011 (Pessoa 2011: 22, Fig. 5e).



**Figura 10.** Planta de localização. Processo de Classificação da *Villa* romana do Rabaçal como Monumento Nacional. Limite do imóvel classificado, Zona de Protecção e Zona Especial de Protecção. Autor: J. Baptista. Direcção Regional de Cultura da Região Centro. 2011.

Esta classificação provisória do tipo de localização e distribuição de construções agrícolas e residenciais (Idem) tem origem no facto de, em numerosos casos, as *Villae* terem sido transformadas em luxuosas residências, desprovidas de instalações para a produção agrícola.

Parece ser um facto que a organização das propriedades no Império Romano, sofreu, durante o século II, modificações<sup>22</sup>, as quais se manifestam de duas maneiras bem distintas.

“A primeira é a de que a *Villa* passa a ser central para efeito do pagamento de rendas e na questão dos censos. O facto de o trabalho servil diminuir em proveito do colonato traduz-se, como parece estar provado, pela multiplicação

<sup>22</sup> Leveau; Buffat, 2008: 142.

de sítios. A segunda modificação resulta de um clássico processo de concentração da propriedade em proveito dos grandes proprietários, que dividem as suas *Villae* em duas categorias: as *Villae urbanae*, onde os senhores e famílias podem residir, e as *Villae rusticae*, as mais numerosas, confiadas a um *procurator* (em substituição do antigo *Vilicus*, assistido por um *Subvilicus*), assistido de *actores*. Passam assim a existir *Villae* de colonos no *fundus* de uma *Villa*.<sup>23</sup>

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Assim sendo, o que será de notável assinalar em relação às construções relacionadas com a componente agrícola ou *pars rustica* da *Villa* romana do Rabaçal é o facto de aqui assistirmos à sua continuidade e à ampliação do seu uso, enquanto nas suas proximidades, na *pars urbana* ou residência senhorial, se assiste, em meados do século IV, à implantação de locais afectos à administração. Esta evolução da *Villa* durante a Antiguidade Tardia, no sentido da sua monumentalização, leva ao afastamento das instalações agrícolas e artesanais da residência. Os equipamentos ligados a várias actividades produtivas (viticultura, oleicultura, cerealicultura, pecuária, têxtil, cerâmica de construção e louça regional, silvicultura, metalurgia), instalados a alguma distância do centro residencial, constituem-se como instalações satélites, assegurando a exploração do *fundus*. De notar que, na *Villa* de Prés-Bas de Loupian (Narbonne), a sua monumentalização deu lugar ao desaparecimento das instalações agrícolas e artesanais (a separação entre instalações de produção e de recreio está já patente em *Villae* marítimas do século I a.C.<sup>24</sup>), sendo que os equipamentos de produção parecem ter sido instalados no exterior do centro residencial, a cerca de um quilómetro de distância. Foi mesmo encontrada, na esfera da propriedade da *Villa* de Loupian uma igreja paleocristã que se supõe pertencer ao mesmo domínio<sup>25</sup>. Por outro lado, na Aquitânia, a dissociação da componente residencial, alcançando o estatuto de palácio, e a componente que reúne as construções de produção, sugere ser, segundo Catherine Balmelle, o caso mais frequente<sup>26</sup>.

Diremos, por fim, que o presente ciclo de campanhas arqueológicas em curso na *Villa* romana do Rabaçal trata a componente menos conhecida das *Villae* da Antiguidade Tardia.

Por um lado, estas construções tomadas em si mesmo, independentemente das outras componentes a que se encontram ligadas, são um testemunho seguro da actividade agrícola, base da economia romana num território. Por outro lado, a forma como se integram no conjunto arquitectural do Rabaçal pode ser reveladora da evolução de *per si*, de cada um dos elementos, implantados no todo

---

<sup>23</sup> Leveau; Buffat, 2008: 142. Tradução livre.

<sup>24</sup> Idem: 160.

<sup>25</sup> Idem: 143.

<sup>26</sup> Balmelle 2001.

da *Villa*, e o exemplo de uma planificação à *posteriori*, integrando construções de séculos anteriores, indicadora das potencialidades e do aproveitamento dos recursos locais.

Torna-se assim mais possível, dado o avanço do estudo das colecções arqueológicas, quer das que permitem datação segura, como por exemplo a louça de importação<sup>27</sup>, as ânforas<sup>28</sup>, as lucernas<sup>29</sup>, os vidros<sup>30</sup> e as moedas<sup>31</sup>, quer através do espólio representativo de peças mais ou menos comuns a todos os períodos de época romana, como sejam pesos de tear, louça comum de fabrico local e regional<sup>32</sup>, utensílios metálicos<sup>33</sup>, restos metalúrgicos<sup>34</sup>, bem como através do estudo dos restos faunísticos<sup>35</sup>, discernir o tipo de actividades económicas aqui presentes, direccionadas em duplo sentido. Uma parte das actividades têm como objectivo a recolha de produtos a partir dos quais o proprietário obtém rendimentos; as outras actividades dizem respeito ao serviço da *Villa* e à ocupação dos seus habitantes (que não são todos operários agrícolas), dado que a manutenção das construções e da utensilagem, o serviço de mesa do senhor e a alimentação da mão-de-obra necessitavam de um pessoal numeroso ao qual era necessário assegurar a alimentação<sup>36</sup>.

Assim sendo, a *Villa* romana do Rabaçal exhibe um plano arquitectural apenas aparentemente disperso ou polinucleado. A sua *pars rustica* (Figura 11) apresenta-se-nos não só como um centro de actividades agrícolas e pecuárias, mas também como um centro de várias profissões (metalurgia, olaria, têxtil) e local de armazenamento dos produtos. Aqui, encontramos a área onde estavam instalados a eira (a) e seus alpendres (b); o pátio agrícola (c); o celeiro (h); a moagem; o forno do pão; a cozinha (g); a casa da lenha; a adega para guardar vinho e azeite (h); a salgadeira; a casa dos teares (e) e da cestaria; as dependências da olaria (i), estas junto ao Balneário; a metalurgia (f); o possível local de refeição comum e casa do feitor (g); a habitação dos servos agrícolas e serventes (d); os estábulos e os currais (Figura 12, 13 e 14).

E, em termos muito sucintos, dizemos assim porque, não tendo sido encontrada, até ao presente momento das escavações em curso, grande parte das estruturas concretas do referido no anterior parágrafo, encontrámos, isso sim, alguns

<sup>27</sup> Quaresma 2011: 96-108.

<sup>28</sup> Buraca 2011: 153-159.

<sup>29</sup> Ponte; Miranda 2011: 131-137.

<sup>30</sup> Ferreira 2011: 170-182.

<sup>31</sup> Pereira; Pessoa; Silva 2012.

<sup>32</sup> Vicente; Simões, 2011: 109-121).

<sup>33</sup> Ponte, 2011: 122-130.

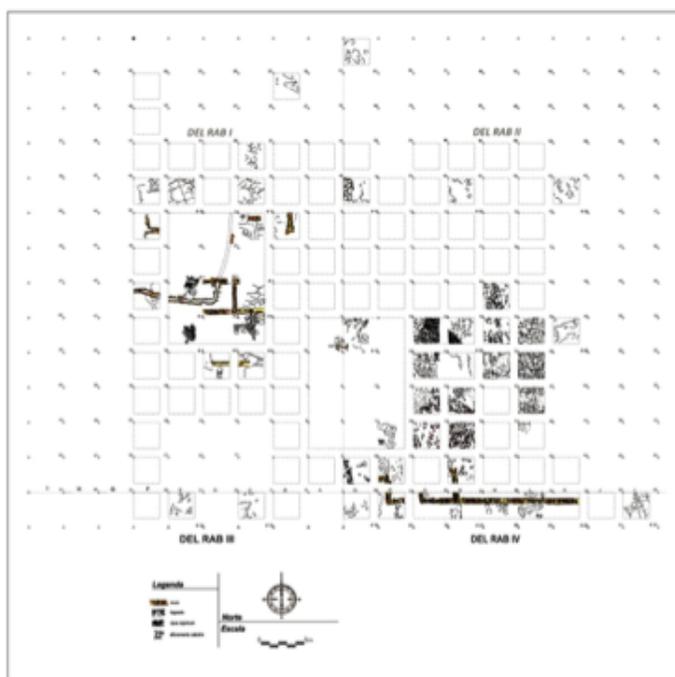
<sup>34</sup> Vieira; Osório, 2011: 50-63.

<sup>35</sup> Valente, 2011, p. 36-38; Deus, 2011: 39-40.

<sup>36</sup> Leveau; Buffat, 2008: 159-160.

vestígios materiais que são prova evidente da sua existência e o efeito de actividades desenvolvidas nas infra-estruturas citadas.

E, como se infere, ontem como hoje, no mundo rural, saíam os homens e as mulheres, cumprindo as tarefas próprias das culturas agrícolas do mundo mediterrânico. E saíam da *pars rustica*, tomando os caminhos vicinais ou infestos, que levavam, lá longe do Palácio, à vinha, ao olival, ao campo de cereal, ao mato, à horta, ao colmeal, ao pomar, ao linhal, ao salgueiral e ao prado, acompanhando os rebanhos. Aliás, de todas estas referidas actividades adviria riqueza, depois plasmada na sumptuosidade do Palácio, criadora da aura de Poder, bem imprescindível num requintado ambiente de Corte Imperial (*Aula*), de influência oriental<sup>37</sup>.



**Figura 11.** Planta da *Pars rustica* da *Villa* romana do Rabaçal. Quadrícula arqueológica. Desenho: José Luís Madeira, 1998. Tratamento digital: Daniel Pinto, 2010; José agosto Alves Dias, 2011.

<sup>37</sup> Pessoa; Rodrigo 2011: 53-56.



**Figura 12.** Vista aérea das parcelas constitutivas da *Villa*. Em primeiro plano, quadrícula arqueológica aberta sobre a *pars rustica*, onde encontramos a área onde estavam instalados a eira (a) e seus alpendres (b); o pátio agrícola (c); o celeiro (h); a moagem; o forno do pão; a cozinha (g); a casa da lenha; a adega para guarda de vinhos e azeite; a salgadeira; a casa dos teares (e) e da cestaria; as dependências da olaria (i), a sul do Balneário; a metalurgia (f); o possível local de refeição comum, a casa do feitor (g) e armazém (h); a habitação dos artesãos, servos agrícolas e serventes (d); os estábulos e os currais. Autor: Francisco Pedro. 2008 (Pessoa e Rodrigo 2011: 52, Fig. 22).



**Figura 13.** Hipótese de reconstituição da *Pars rustica* da *Villa* romana do Rabaçal, Penela, Portugal. Autor: Pedro Madeira, 2011.



**Figura 14.** Hipótese de reconstituição da *Villa* romana do Rabaçal, Penela, Portugal. *Pars rustica*, em primeiro plano; Balneário, Aqueduto e Casa da Nora, a meio; Pars urbana, ao fundo. Autor: Pedro Madeira, 2011.

## BIBLIOGRAFIA

- Abraços, M. F. (2005), *Para a História da Conservação e Restauro do Mosaico Romano de Portugal*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade Nova de Lisboa (Inventário do Mosaico Romano em Portugal: Anexo I – Inventário por Sítios; Anexo II – Catálogo dos Mosaicos Romanos das Coleções de Museus em Portugal).
- Alarcão, J. (1998), “A Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal“, *Conimbriga*, 37: 91-119.
- Arce, J., Caballero Zoreda, L., Elvira, M. A. (1979), *Valdetorres del Jarama. Madrid. Informe preliminar de las escavaciones arqueológicas. Primera Campaña 1978*. Madrid.
- Arnau, A. C. (2007), “El final de las «villae» en Hispania, siglos IV-VII D.C.”, *Bibliothèque de l'Antiquité tardive*; 7, *Villas romaines -- Espagne -- Jusqu'à 711*. Turnhout, 13-29.
- Balmelle, C. (2001), *Les Demeures Aristocratiques d'Aquitaine – Société et Culture de la l'Antiquité Tardive dans le Sud-Ouest de la Gaule*. Illustrations Graphiques principalement par Marie – Pat Raynaud et Raymond Monturet. Bordeaux- Paris.
- Buraca, I. (2011), “A colecção de ânforas da *Villa* romana do Rabaçal”, *AEIVRR*. Penela, 153-159.
- Buraca, I. (2011), “Estudo dos materiais cerâmicos de construção na *Villa* romana do Rabaçal”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal*. Penela, 138-152.
- Doria, M. B., Monteagudo, R. C., Piqueras, J. F. (Actium) (s. d.), *La Villa romana de Can Farrerons (Premià de Mar, Maresme). Resultats de les darreres intervencions*. Girona.
- Ferreira, M. A. (2011) - “Vidro da *Villa* romana de Moroços: escasso espólio, muito razoáveis certezas”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal*. Penela, 170-182.
- Gorges, J. – G. (2008), “L'Architecture des *Villae* romaines tardives: la creation et le développement du modèle tétrarchique”, *Actas do IV Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón – Las Villae tardorromanas en el occidente del Império. Arquitectura e función – AIVCIAG*. p. 28-48 (Rabaçal, p. 42, Fig. 6)
- Lancha, J., André, P. (2000), *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal II, Conventus Pacensis 1, A Villa romana de Torre de Palma*. Lisboa.

- Leveau, P., Buffat, L. (2008), “Les bâtiments agricoles et l’architecture des villas de la fin de l’Antiquité”, *AIVCLAG*. Gijón, 134-165.
- Levi, D. (1947), *Antioch Mosaic Pavements*, 2 Vol., Princeton.
- Maciel, J. (1996), *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa.
- Mantas, V. G. (1985), “Dois novos miliários do território de Conímbriga”, *Biblos* 61: 159-179.
- Pereira, I., Pessoa, M., Silva, T. (2012), *Moedas da Villa romana do Rabaçal (1984-2009)*, Penela, Portugal. Penela (Catálogo de 1 a 377).
- Pessoa, M. (2011), *Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal – Um centro na periferia do Império e do Território da Ciuitas de Conímbriga. Função e contexto no âmbito da Arte e Sociedade da Antiguidade Tardia. Estudo de Mosaicos*. Lisboa.
- Pessoa, M., Rodrigo, L. (2011), *Guia. Villa romana do Rabaçal – um objecto de arte na paisagem serrana*. Penela.
- Pessoa, M., Rodrigo, L., Steinert Santos, S. (2004), *Villa romana do Rabaçal. Era uma vez..., Catálogo da Exposição Permanente do Espaço-museu do Rabaçal*. Penela.
- Pessoa, M., Rodrigo, L., Madeira, J., Burrows, J. (2008), “Villa romana do Rabaçal (Penela, Portugal): Plano de Salvaguarda 2007-2009. Dados e sugestões para a elaboração do Projecto de Coberturas e programa de musealização”, *AIVCLAG*. Gijón, 661-679.
- Pitcher, L. P. (1997), “La Villa tardoantica du Palazzo Pignano”, *Projecto Europeu de Cooperação: Rabaçal, Penela (Portugal), Palazzo Pignano, Cremona (Itália), Valdetorres del Jarama, Madrid (Espanha)*. Bruxelles, 27-29.
- Ponte, S. (2011), “Os instrumenta metálicos da Villa romana do Rabaçal (Moroicos-Penela)”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal*. Penela, 122-130.
- Ponte, S.; Miranda, J. (2011), “Lucernas da Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009*. Penela, 131-137.
- Quaresma, J. (2011) – “O quadro de importações de Terra Sigillata e de cerâmica de cozinha africana na Villa do Rabaçal, Penela (século IV a inícios do VI d.C.)”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009*. Penela, 96-108.
- Silva, A. M. (2011), “A necrópole do século XVI instalada na Villa romana do Rabaçal: dos ossos aos indivíduos”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009*. Penela, 28-35.

- Teichner, F. (2008), *Entre Tierra y Mar. Zwischen Land und Meer Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*, Studia Lusitania, 3. Mérida – Zaragoza.
- Uscatescu, A., Bueno, M. (1997), “The Macellum of Gerasa (Jerasch, Jordan): from a market place to an industrial area”, *Basor*, 307: 67-88.
- Wickham, C. (2005), *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean, 400-800*. Oxford.
- Vieira, T., Osório, A. (2011), “Poderá a Engenharia de Materiais contribuir para a «datação» de produtos siderúrgicos arqueológicos?”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009* . Penela, 50-63.
- Valente, M. J. (2011), “Análise preliminar da fauna mamalógica da Villa romana do Rabaçal. Campanhas 1984-1998”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009* . Penela, 36-38.
- Vicente, S., Simões, E. (2011), “Cerâmica Comum / Louça de Cozinha, Mesa e Armazenamento da Villa romana do Rabaçal”, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciência e Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na Villa Romana do Rabaçal, 2009* . Penela, 109-121.

## Agradecimento

Uma palavra deverá ainda ser dita, chamando a atenção para os milhares de horas de trabalho de voluntariado, no campo arqueológico e no gabinete, que vêm sendo desenvolvidas há décadas em prol da descoberta e estudo e conservação deste património. Sem elas certamente as presentes reflexões ficariam muito limitadas.